



Saúde Informa

Boletim Informativo da Faculdade de Medicina da UFMG

Nº 38 - Ano V - Belo Horizonte, maio de 2014*



Creative Commons Attribution

CURATIVO NATURAL

Tese de doutorado defendida na Faculdade de Medicina da UFMG caracteriza de forma detalhada os compostos ativos presentes na casca do barbatimão. A espécie do cerrado brasileiro, combinada com a quitosana, é base de um curativo que promete acelerar o processo de cicatrização da pele.

Página 3

PEDIATRIA

Quando a criança está pronta para usar o peniquinho?

6

DEBATE

Racismo prejudica atendimento nos serviços de saúde

5

PESQUISA

Saúde dos moradores de rua desafia poder público

4

Pesquisas e debates

O Saúde Informa de maio destaca a tese de doutorado, defendida na Faculdade de Medicina da UFMG, que resultou na patente de um novo curativo, mais barato e eficiente que os disponíveis no mercado, que já pode ser industrializado.

Confira também os resultados do 3º Censo de População em Situação de Rua de Belo Horizonte. Um dos destaques é o envelhecimento dessas pessoas, que requer o planejamento de ações voltadas, principalmente, para a saúde.

No mês em que se comemora a abolição da escravidão, o Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad) coloca em debate o racismo institucional. Um fórum reunirá profissionais da saúde para discutir como promover igualdade no atendimento a pacientes afrodescendentes.

A inclusão, desta vez das pessoas surdas, foi a proposta de outro evento realizado na Faculdade de Medicina, com o objetivo de promover a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

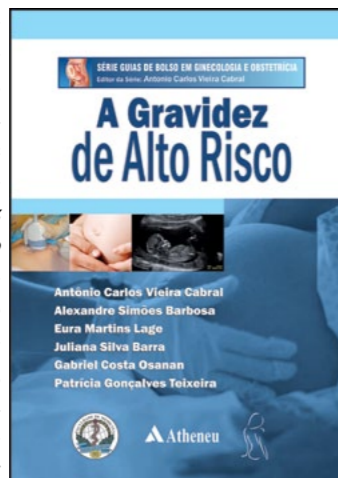
E mais: dicas para ajudar as crianças a trocarem as fraldas pelo penquinho; e um grupo de trabalho para estimular a memória dos adultos.

Boa leitura!

Publicações

A gravidez de alto risco

Destinado a alunos de graduação e médicos residentes da especialidade de Obstetrícia, o livro *A Gravidez de Alto Risco* aborda complicações, como diabetes e doenças cardíacas, que tornam a gravidez um período de maior risco para mães e bebês. A publicação é assinada pelos professores da Faculdade de Medicina da UFMG Antônio Carlos Vieira Cabral, Eura Martins, Juliana Silva, Gabriel Osanan e Patrícia Gonçalves, e pelo obstetra Alexandre Simões. **Editores Atheneu.**



Opinião



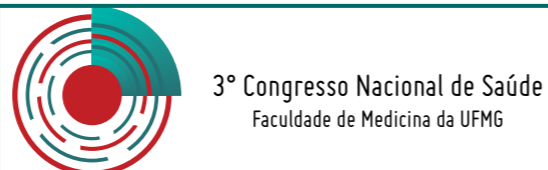
Li e gostei demais de uma entrevista/editorial sobre a depressão, de um professor da psiquiatria. Gosto muito do Boletim. Parabéns!

Regina Viana

(A matéria *Ajuda para subir o poço* foi publicada na edição nº 36 do Saúde Informa (março/2014), página 7)

Sua participação é muito importante para o Saúde Informa. Envie críticas e sugestões para

jornalismo@medicina.ufmg.br



3º Congresso Nacional de Saúde
Faculdade de Medicina da UFMG

Cenários da Saúde na Contemporaneidade

03 a 05 de setembro de 2014
Faculdade de Medicina da UFMG



Submissão de trabalhos:
até o dia 8 de agosto de 2014

Inscrições:
até o dia 2 de setembro de 2014 pelo site
www.medicina.ufmg.br/3congressosaude
ou no local do evento com alteração de valor

Realização:



Patrocínio:



Apoio:



Pesquisadores inventam curativo à base de barbatimão e quitosana

Produto é mais barato que os já oferecidos no mercado e promete melhorar o processo de cicatrização

Deborah Castro

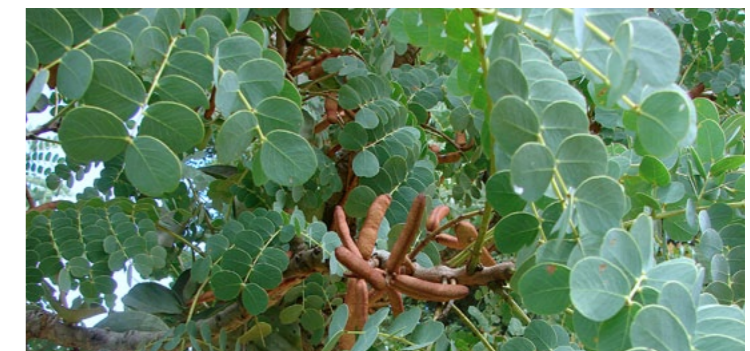


Foto: Eurico Zimbres

Um curativo que promete acelerar o processo de cicatrização da pele, desenvolvido a partir do barbatimão e da quitosana, foi patenteado pela UFMG. O barbatimão é uma árvore nativa do cerrado brasileiro e sua casca é popularmente utilizada com fins medicinais há séculos. Já a quitosana é uma fibra natural obtida do exoesqueleto de crustáceos.

A eficácia da associação entre o extrato hidroalcoólico de barbatimão e o filme de quitosana no tratamento de lesões cutâneas foi comprovada em ratos, conforme descrito na tese de doutorado da cirurgiã Sumara Marques Barral, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Cirurgia e à Oftalmologia da Faculdade de Medicina da UFMG. O trabalho se destaca pelo fato de existirem poucos estudos acadêmicos que caracterizem detalhadamente os compostos ativos presentes na casca do barbatimão e demonstrem como eles funcionam.

A pesquisa também teve contribuição dos professores André Faraco e Raquel Castilho, da Faculdade de Farmácia da UFMG. Raquel Castilho identificou e quantificou as substâncias presentes em um extrato padronizado, ou seja, com a mesma quantidade substancial de ativos. A esse extrato, foi adicionada uma nanopartícula à base de quitosana, produzida pelo professor André Faraco.

A orientadora da tese, Ivana Duval, professora do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina, explica como o produto pode ser aplicado. “Quando se tem um extrato purificado, fica mais fácil de ter um produto industrializável. Lógico que ainda há algumas etapas pendentes, mas hoje temos um produto que pode ser entregue à indústria para formar um curativo eficiente”, afirma.

Testes

Para analisar a eficácia do produto, foram realizados testes com 32 ratas, com ferimentos de igual tamanho no dorso, divididas em grupos, que receberam diferentes curativos: o curativo hidrocoloide, que é de uso padrão; o filme de quitosana puro; o filme de quitosana associado à fração enriquecida de barbatimão; e apenas uma tira de luva para cobrir o ferimento.

“O resultado mostrou que o grupo do filme da associação de barbatimão com a quitosa-

na apresentou melhores taxas de cicatrização”, relata Sumara. Ela observou ainda que o processo de inflamação, inerente à cicatrização, não foi tão intenso. Um outro ponto positivo, pois a inflamação retarda o processo cicatrizatório. Mas a cirurgiã pondera que novas pesquisas precisam ser feitas para melhorias técnicas do curativo, como a possibilidade de tornar a aplicação mais fácil.

Custo-benefício

A intenção é que o produto final seja um curativo semelhante a uma pequena placa, feita com uma substância biodegradável, que se dissolve na pele e libere o medicamento aos poucos. Desse modo, não será necessário retirar o curativo até que a cicatrização se complete. Para Sumara Barral, essa é uma das maiores vantagens, já que, no processo de troca, a maioria dos curativos acaba retirando também as células jovens da pele.

“Nós, que trabalhamos na clínica, sabemos a dificuldade da adesão do paciente ao tratamento, quando se faz um curativo que tem que ser trocado constantemente. Se tiver um que só precise de nova aplicação na outra semana, é muito mais fácil”, completa a orientadora Ivana Duval.

A principal contribuição da pesquisa é justamente a possibilidade de melhora do processo de cicatrização, com a introdução de um curativo com capacidade superior aos que já existem no mercado. E ainda mais barato, por ter como matéria-prima a quitina, o segundo polímero mais abundante do mundo. “O que queremos é reduzir o preço e melhorar a qualidade do curativo que será aplicado na ferida, beneficiando todos os hospitais que lidam com isso, principalmente os de nível primário e o Programa Saúde da Família (PSF)”, afirma André Faraco.

Título: O uso do extrato hidroalcoólico de barbatimão associado ao filme de quitosana para a cicatrização cutânea de ratos wistar fêmeas

Nível: Doutorado

Autora: Sumara Marques Barral

Orientadora: Ivana Duval Araújo

Coorientadora: Paula Vieira Teixeira Vidigal

Programa: Ciências Aplicadas à Cirurgia e à Oftalmologia

Defesa: 9 de janeiro de 2014

Expediente

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Diretor: Professor Tarcizo Afonso Nunes – Vice-Diretor: Professor Humberto José Alves – Coordenador da Assessoria de Comunicação Social: Gilberto Boaventura – Editora: Alessandra Ribeiro (Reg. Prof. 9945MG) – Redação: Jornalistas: Rafaella Arruda, Mariana Pires e Lucas Rodrigues – Estagiários: Carolina Morena, Karen Costa, Deborah Castro e Rayza Kamke. Projeto Gráfico: Ana Cláudia Ferreira de Oliveira e Leonardo Lopes Braga. Diagramação: Bruno Dayrell – Atendimento Publicitário: Desirée Suzuki – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 2000 exemplares – Circulação mensal – Endereço: Assessoria de Comunicação Social, Faculdade de Medicina da UFMG, Av. Prof. Alfredo Balena, 190 / sala 55 – térreo, CEP 30.130-100, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefone: (31) 3409-9651 – Internet: www.medicina.ufmg.br; facebook.com/medicinaufmgoficial; twitter.com/medicinaufmg e jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.

Saúde da população de rua é desafio para o poder público

PBH e Faculdade de Medicina divulgam resultados do censo sobre a população de rua

Karen Costa

Uma em cada quatro pessoas que moram nas ruas sofre de doenças mentais, que vão da depressão à esquizofrenia. No caso da depressão, o percentual chega a quase 44% dos 1.827 entrevistados no 3º Censo de População em Situação de Rua de Belo Horizonte. O levantamento mostra que a incidência de doenças mentais entre os moradores de rua é muito maior do que na população em geral.

Não é possível afirmar, com certeza, se as doenças mentais são anteriores ou posteriores à situação de rua. “É claro que uma situação de rua pode levar a uma doença mental, mas a exclusão pelas famílias, devido a uma doença, acaba levando à situação de rua”, analisa o professor do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina, Frederico Garcia, responsável pela pesquisa e coordenador do Centro Regional de Referência em Crack e em outras Drogas da UFMG.

O tabagismo foi outro problema com prevalência quase cinco vezes maior que na população em geral. Quase 75% dos moradores de rua usam tabaco. O uso de álcool também é bastante disseminado: o índice é de quase 70%. Com relação às drogas ilícitas, mais da metade (51,5%) afirmou ser usuária. As substâncias mais citadas foram a maconha (35%) e o crack (32%).

“Esse grande percentual do uso do crack acontece devido à grande disponibilidade da droga, e por ser muito mais barato que a cocaína. Além de trazer consequências graves ao cérebro e dificuldades cognitivas com a interrupção do uso – que agravam as condições já

frágeis de saúde da população de rua – a substância pode causar também um agravamento da ‘desinserção’ social”, explica Frederico Garcia.

Diagnóstico

No que diz respeito às chamadas doenças orgânicas, as mais frequentes foram hipertensão (16%) e doenças de pele (14%). Também foram citadas doenças sexualmente transmissíveis, hepatites e diabetes, com prevalência semelhante à da população em geral. Já a prevalência de tuberculose (4,2%) é muito superior à taxa média. “Essa população tem a saúde mais frágil, e costuma viver em situações que facilitam enfermidades. Talvez elas demorem mais a buscar um diagnóstico, e as doenças se agravam”, diz Frederico Garcia.

Entretanto, uma das surpresas da pesquisa foi o alto percentual do uso de serviços de saúde pelos entrevistados (65%), nos três meses anteriores à coleta de dados. Segundo o coordenador, esse número pode ser reflexo de iniciativas do governo, como os Consultórios na Rua, que fazem uma primeira abordagem à população de rua e oferecem serviços de atenção básica.

Futuro

Mais da metade dos entrevistados têm entre 31 e 50 anos, o que, segundo os pesquisadores, revela um envelhecimento da população com relação ao último censo e se coloca como um desafio no planejamento de ações para acolher essas pessoas. “O que faremos com essas pessoas quando elas estiverem

Foto: Bruna Carvalho



O coordenador do censo, Frederico Garcia

chegando aos 60, 70 anos, com doenças degenerativas, com alguma demência ou outras doenças? Se não começarmos a tratar saúde delas como uma coisa muito séria, que precisa ser abordada e ter uma atuação de prevenção agora, iremos demandar um custo muito alto no futuro”, alerta Frederico Garcia.

A importância da produção de dados e conhecimento acerca da população de rua para o planejamento de ações direcionadas foi destacada pelo secretário executivo da Pastoral Nacional do Povo da Rua, Gladston Figueiredo. “É fundamental para se conhecer as reais demandas dessa população e quais são as possibilidades de trabalhar políticas públicas que representem a saída das ruas dessas pessoas”. A pesquisa revelou que 94% dos entrevistados gostariam de sair da rua.

A assessora do gabinete da Secretaria de Políticas Sociais da Prefeitura de Belo Horizonte, Soraya Romina Santos, afirma que, a partir dos dados do censo, será formulado um cronograma de ação, que poderá ser desenvolvido a curto, médio e longo prazo. “Posso assegurar que as ações de formação dos agentes públicos vêm acontecendo de forma sistemática e vão ser implementadas pela prefeitura ainda esse ano”, afirmou.

Racismo prejudica atendimento nos serviços de saúde

Pacientes com doença falciforme, que tem maior prevalência entre os negros, estão entre os discriminados

Rafaella Arruda

Manifestação grave e insistente na sociedade, o racismo é vivenciado não apenas nas relações pessoais, mas também no ambiente das instituições, a partir de normas e práticas discriminatórias. Conhecido como racismo institucional, o comportamento compromete o serviço prestado a parcelas da população em função da cor da pele, cultura ou origem étnica.

Nos serviços de saúde, os desafios para enfrentar e combater o racismo são permanentes. “A discriminação ocorre de forma velada, então cabe às instituições assumir o que ocorre e levar o tema para todos, para promover a conscientização”, defende a presidente da Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas) e coordenadora geral da Federação Nacional das Associações de Pessoas com Doença Falciforme (Fenafal), Maria Zenó Soares.

A doença falciforme, alteração genética de origem africana e com maior prevalência na população negra, afeta o sangue e provoca diversas complicações, como a obstrução dos vasos sanguíneos, infecções e crises de dor. “Em Minas Gerais, 95% das pessoas com doença falciforme são negras e 98% são beneficiárias do Bolsa Família, programa do Governo Federal”, aponta Maria Zenó. “Assim, a pessoa com doença falciforme sofre preconceito de diversas formas, por ser negra, pobre e ter uma doença que não tem cura”, afirma.

Contradição

Para Maria Zenó, embora o Estado ofereça um serviço de excelência no atendimento ambulatorial e no diagnóstico precoce da doença falciforme, a partir da triagem neonatal, o gargalo se encontra no atendimento do setor terciário: “As complicações na doença falciforme surgem de uma hora para outra, então a pessoa tem que procurar a urgência e emergência, que é onde ocorre o problema. Os profissionais não acreditam na dor relatada pelos pacientes e o veem apenas como mais um pobre, mais um negro”.

A representante da Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen), Denise Pacheco, concorda que a falta de conhecimento dos profissionais de saúde sobre a doença é um agravante: “ela sempre será apontada como uma enfermeira de qualquer, sem considerar a sua gravidade”. Ela defende a necessidade de diálogo e formação so-



No dia 30 de maio, será realizado em Belo Horizonte o evento Racismo Institucional: Fórum de Debates – Educação e Saúde, direcionado para convidados. O evento pretende sensibilizar os profissionais da saúde para o tema e capacitá-los para o atendimento humanizado a todos os pacientes. A coordenadora da Federação Nacional das Associações de Pessoas com Doença Falciforme, Maria Zenó Soares, e a representante da Coordenação Nacional de Entidades Negras, Denise Pacheco, irão conduzir oficinas durante fórum. A realização é do Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG), uma parceria entre Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da UFMG (Nupad) e Fundação Hemominas.

bre conceitos pouco discutidos, mas vividos no cotidiano dos serviços de atendimento ao público. “A compreensão de conceitos como preconceito, discriminação, racismo e autoestima é importante para acolher bem os usuários, e o debate permite iniciar desconstruções existentes do racismo”, declara.

Avanços

Apesar das dificuldades enfrentadas na saúde, a presidente da Dreminas, Maria Zenó, afirma que a última década trouxe avanços em relação ao racismo. “Com a criação da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) do Ministério da Saúde, em 2003, o governo assumiu que somos um país racista e instituiu políticas e ações afirmativas de combate ao problema”, observa. “Em 2005, com a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doença Falciforme e outras Hemoglobinopatias, a realidade das pessoas com doença falciforme teve uma melhoria, com a inserção na estrutura do Sistema Único de Saúde (SUS)”, acrescenta.

Denise Pacheco, da Conen, aponta outros progressos com a participação maior do movimento negro, acadêmicos e gestores em fóruns, conferências e seminários sobre o racismo institucional: “O monitoramento do controle social ajuda a transformar a demanda por igualdade de acesso em políticas públicas”.

Qual a hora certa de usar o peniquinho?

Especialista orienta os pais a lidar com esta transição sem conflitos e ansiedade

Rayza Kamke

Para muitos pais, é difícil saber a hora certa para estimular o filho a abandonar as fraldas e usar definitivamente o vaso sanitário, ou o “peniquinho”. De forma geral, aos dois anos de idade é o momento de começar a ensinar a criança o que ela deve fazer para eliminar a urina.

Mas, antes de tudo, o pequeno já deve ter maturidade motora para caminhar, sentar, se vestir e despir, assim como ser capaz de entender e responder instruções, orienta a professora do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina, Elizabet Vilar Guimarães.

Segundo ela, do ponto de vista prático, o treinamento deve começar a partir da observação de que a criança está ficando um período de tempo regular com a fralda seca. “Nessa ocasião, os pais devem permitir que a criança fique pela casa sem fralda no período do dia, usando ou não veste íntima, de acordo com a aceitação”, ensina.

Para o controle noturno, geralmente ocorrido muitos meses, e até anos após o controle diurno, é necessário ter atenção e paciência. “É importante que sempre se estimule a criança a urinar antes de ir dormir, e se após os sete anos de idade a criança persistir sem o controle noturno, é necessário ouvir o pediatra”, aconselha Elizabet Guimarães.



A professora Elizabet Vilar Guimarães, no ambulatório de Pediatria do HC

Foto: Bruna Carvalho

mãe para dormir com o irmãozinho. Já com o filho mais velho, de 5 anos, a transição fluiu naturalmente.

A professora Elizabet Guimarães salienta que uma criança que já está usando o vaso ou penico, pode, eventualmente, urinar ou evacuar na roupa. “Isso pode acontecer durante algum período doentio, se a criança sofrer algum estresse, como mudança de casa ou escola, se a família estiver passando por alguma crise. Até mesmo se o banheiro for muito distante, se as roupas forem complicadas para retirar, ou se possuir um irmão mais novo usando fralda”, exemplifica. Nessas situações, é importante respeitar o momento e não lidar com a situação como mais um fator de estresse.

Ajuda profissional

A retirada das fraldas é um verdadeiro marco do desenvolvimento da criança – quando ela descobre e exerce autonomia sobre suas habilidades físicas, como reter e liberar urina e fezes, de acordo com sua própria vontade. É também o momento em que a autoestima está sendo desenvolvida, e pode ganhar reforços positivos ou negativos, de acordo com a forma como os pais conduzem.

Por isso, para a professora Elizabet, é sempre importante consultar o pediatra antes de iniciar o treinamento do uso do vaso ou penico. “O pediatra ajudará os pais a identificar se a criança já apresenta elementos comportamentais e emocionais do desenvolvimento, necessários para iniciar o procedimento. Ele auxiliará a planejar cada etapa do processo, e acompanhará os progressos durante o treinamento”, explica.

Uma adaptação realizada sem ansiedade pode evitar situações como tendências a segurar fezes, e até mesmo o regresso ao estágio inicial. Assim, aos pais mais preocupados, é preciso enfatizar que não existe uma idade universal para iniciar ou terminar o treinamento do uso do vaso sanitário ou peniquinho.

“O pediatra ajudará os pais a identificar se a criança já apresenta elementos comportamentais e emocionais do desenvolvimento, necessários para iniciar o procedimento.”

Experiência

A administradora Claudilene Matos, 40, vive pela segunda vez o processo de treinamento dos filhos. Mãe de segunda viagem, ela diz que está tendo mais dificuldades com a filha caçula, de 2 anos de idade. “O problema é que, no início, eles não conseguem segurar. Eles não têm a noção do tempo. Quando pedem para fazer, provavelmente já fizeram na roupa”.

Claudilene conta que a filha teve que reiniciar o processo, depois de seis meses usando o peniquinho, por ter sentido a saída do quarto da

Grupo ajuda usuários do SUS a estimular a memória

Idosos que moram sozinhos estão entre os principais beneficiados pela iniciativa

Quem nunca se esqueceu de tomar um remédio, o nome de uma pessoa ou o que comeu no dia anterior? Esses tipos de falhas na memória são comuns e podem aparecer em todas as idades. Muitas vezes, são apenas reflexo de cansaço, estresse ou má alimentação, problemas que podem ser amenizados sem, necessariamente, passar pelo uso de medicamentos. Pensando nisso, a médica Gracielli Peron, aluna do Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família (Ceesf), propôs, em trabalho de conclusão de curso, grupo para treino da memória aos usuários do SUS. O curso é oferecido pelo Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da UFMG (Nescon).

Segundo Gracielli, essas falhas correspondem a um sério problema de saúde pública. “A capacidade de memorizar rostos, nomes ou fatos é importante para a qualidade de vida e autonomia dos indivíduos”, diz. Ela conta que na unidade básica de saúde onde trabalha, no município rural de Resplendor, em Minas Gerais, um número considerável de usuários relata, diariamente, problemas relacionados à memorização durante as consultas médicas e de enfermagem.

Como alternativa viável para melhorar a capacidade de memória, principalmente a recente, Gracielli iniciou, em 2010, grupo operativo para estímulo da memória, na unidade de saúde do município. A iniciativa foi resultado do plano de intervenção proposto no trabalho de conclusão de curso do Ceesf, defendido em 2012.

O Grupo da Memória, como é conhecido, conta com a participa-

ção de usuários com idade superior a 12 anos. O objetivo, de acordo com a médica, é trabalhar com atividades que demandam atenção, concentração, associação, além da observação. “Para isso, utilizamos a música, dramatização, interpretações de textos, cálculo numérico e habilidades interpessoais”, afirma Gracielli.

Perfil

As reuniões são feitas quinzenalmente, com duração de 20 minutos. Os grupos têm no máximo oito pessoas, o que possibilita melhor acompanhamento da evolução dos usuários. “Temos abordado todos os usuários que referem ter dificuldade de memória para fatos recentes, especialmente idosos que residem sozinhos. Esta abordagem é realizada por meio de um convite para que o usuário participe do grupo operativo”, esclarece a médica.

Gracielli conta que as mulheres, geralmente acima dos 40 anos, são as que mais se queixam, apesar de o problema estar presente em todas as faixas etárias. “Acredito que a predominância desse grupo está relacionada à sobrecarga das atividades diárias, bem como a preocupação das mulheres com os filhos, marido e familiares, o que gera cansaço, estresse e outros problemas que levam a dificuldades na memória”, explica.

Resultados

O Curso de Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família (Ceesf) é uma pós-graduação *lato sensu*, na modalidade a distância, oferecida pelo Programa Ágora, do Núcleo de Educação em Saúde Coletiva (Nescon) da Faculdade de Medicina da UFMG. Para atender às necessidades de qualificação e educação permanente dos trabalhadores do Sistema Único de Saúde, o curso conta com a parceria da Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS) e da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Além disso, é financiado pelos ministérios da Saúde e da Educação. Informações: nescon.medicina.ufmg.br/agora

Karla Escarmigliat

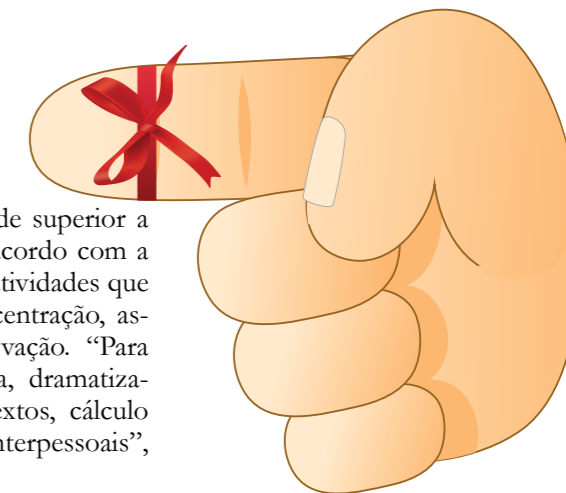


Ilustração: Victor Botelho

Independentemente do perfil dos usuários, o Grupo da Memória tem contribuído para a melhora significativa na qualidade de vida dos participantes. “Todos relataram não se esquecer dos horários de tomar os remédios, por exemplo. Tem dado tão certo, que a própria população cobra o funcionamento do grupo”, afirma Gracielli.

A expectativa é que a iniciativa também possibilite, por meio das avaliações periódicas, reunir dados para pesquisas futuras, sob a orientação do Ceesf. “Existem pouco estudos na área com informações mais precisas e específicas sobre a atividade, considerando as implicações que estes déficits representam na qualidade de vida das pessoas”, avalia.



A médica Gracielli Peron

Foto: Arquivo pessoal

Arte para todos

Projeto Libras com Arte propõe inclusão de pessoas surdas

Carolina Morena

A oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) completou 12 anos, no último dia 24 de abril. Para comemorar a data, o projeto de extensão Diálogos de Inclusão, em parceria com as unidades do campus Saúde, realizou o evento Libras com Arte.

O destaque da programação foi a exibição do filme *E seu nome é Jonas*, primeira projeção cinematográfica com janela para intérprete de Libras. Além da sessão de cinema, houve exposição de painéis e trabalhos sobre a cultura surda e foram realizadas apresentações artísticas, do grupo Deaf Dance Company, do Coral de Sinais Emanuel e do grupo teatral do Instituto Federal de Minas Gerais, campus Congonhas.

A coordenadora do projeto “Diálogos de Inclusão”, Lina Soares de Souza, destacou a importância do envolvimento dos profissionais da saúde, que eventualmente terão contato com pacientes surdos. Para Lina, ser capacitado em Libras significa possibilitar um atendimento eficiente, que realmente atenda às necessidades desse público. “Relatos que recebo de pessoas que trabalham na área manifestam um sentimento de impotência no atendimento ao surdo, pela incapacidade de comunicação. Resta ao profissional que não é capacitado para Libras tentar ‘se virar’, o que pode ser prejudicial ao atendimento”, disse.

O evento Libras com Arte reuniu representantes de instituições e órgãos que atuam com pessoas deficientes, tais como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), a Pastoral de Surdos, o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), e a Secretaria Municipal Adjunta de Direitos da Cidadania de BH. Na ocasião, a representante da Coordenadoria

de Direito das Pessoas com Deficiência da Prefeitura de Belo Horizonte, Maria Cristina Abreu, parabenizou a iniciativa e manifestou a intenção de firmar uma parceria que leve o projeto para centros de saúde. “O retorno que as pessoas dão é que o evento é maravilhoso. Elas me procuram para dizer que querem participar, levar pra outros lugares”, conta Lina.

Diálogos de Inclusão

O projeto de extensão é realizado pela Pró-reitoria de Recursos Humanos da UFMG, em parceria com a Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), com o objetivo de instituir espaços para discussão com as comunidades interna e externa da universidade, acerca da importância da Libras.

Desde 2012, o Diálogos de Inclusão promove ações que buscam difundir a Libras na vivência cotidiana e aumentar o número de capacitados na língua. Além da Faculdade de Medicina, já foram realizadas interferências no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, exposições sobre a história da Libras nos campi Pampulha e Montes Claros, além de cursos ofertados para os interessados em aprender a Libras.

Foto: Bruna Carvalho



Libras com Arte promoveu atividades no saguão de entrada da Faculdade de Medicina

Intermed

Começou a venda de ingressos para o 21º Intermed Minas, evento esportivo e festivo que reúne estudantes de 12 faculdades de Medicina de Minas Gerais. Este ano organizado pelo Conclave Médico Desportivo, dos alunos da Faculdade de Medicina da UFMG, o evento acontecerá de 13 a 16 de setembro de 2014, na cidade de Itaúna. Informações e inscrições: www.intermedminas.com.br

Câncer infantil

Até 11 de junho, o Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG (Observaped) realiza o fórum virtual “Diagnóstico Precoce do Câncer Infantil”. As atividades, abertas e gratuitas à comunidade, trazem ao público explicações sobre o câncer infantil, por meio de exercícios com conteúdos interativos e informativos. Acesse: www.medicina.ufmg.br/forumcancerinfantil

Demências

Inscrições abertas, até 29 de maio, para o 2º Curso de Atualização em Demência e Outros Transtornos Cognitivos e Comportamentais, que será realizado nos dias 30 e 31 de maio, no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da UFMG. O curso é voltado para profissionais da área da saúde, médicos residentes, estudantes de graduação e de pós-graduação. A programação abrange mesas-redondas, discussão de casos clínicos e conferências internacionais. Acesse: www.cursoseeventos.ufmg.br